

# Podemos colonizar o espaço? Devemos colonizar o espaço? E será que realmente pensamos bem sobre isso?

[institutoliberal.org.br/blog/politica/podemos-colonizar-o-espaco-devemos-colonizar-o-espaco-e-sera-que-realmente-pensamos-bem-sobre-isso/](https://institutoliberal.org.br/blog/politica/podemos-colonizar-o-espaco-devemos-colonizar-o-espaco-e-sera-que-realmente-pensamos-bem-sobre-isso/)

Rainer Zitelmann

04/09/2024



Após décadas de estagnação, o surgimento de empresas espaciais privadas, como a SpaceX de Elon Musk e a Blue Origin de Jeff Bezos, trouxe uma nova dinâmica para a indústria espacial. O que ontem parecia um conto de fadas pode se tornar realidade depois de amanhã. Konstantin Tsiolkovsky, o fundador da cosmonáutica moderna, escreveu já em 1911: “A Terra é o berço da humanidade, mas não se pode viver para sempre no berço.”

No entanto, à medida que os planos para transportar humanos a Marte e, em seguida, estabelecer assentamentos permanentes na Lua e em Marte avançam, cresce também a oposição à colonização do espaço.

Kelly e Zach Weinersmith publicaram recentemente um livro intitulado *Can We Settle Space, Should We Settle Space, and Have We Really Thought This Through?* (Penguin Books) [em português, *Podemos Colonizar o Espaço? Devemos Colonizar o Espaço? E Será Que Realmente Pensamos Bem Sobre Isso?*]. Para esses dois autores, há simplesmente muitas incertezas. Eles argumentam que talvez possamos considerar a colonização espacial em um futuro distante, mas ainda estamos longe desse ponto.

Algumas das preocupações que eles levantam merecem atenção, como as questões ainda não resolvidas sobre se os humanos podem se reproduzir de forma segura em condições de baixa gravidade e se os bebês podem se desenvolver normalmente nesses ambientes. No entanto, eles escrevem que os chineses já estão planejando experimentos em que macacos irão acasalar em sua estação espacial – então, talvez possamos obter nossas primeiras respostas a partir disso.

No entanto, muitas das questões levantadas são artificiais, e fica claro que os autores adotaram a abordagem típica dos céticos intelectuais, que primeiro querem um plano definitivo e completo, que responda a todas as perguntas possíveis, antes de sequer começarem a agir. Isso contrasta com a mentalidade do empreendedor, que age e resolve continuamente novos desafios à medida que surgem.

Algumas preocupações são absurdas, como a ideia de que estados poderiam bombardear uns aos outros com asteroides. Outras são contraditórias, como o argumento de que a colonização espacial não traria benefícios econômicos evidentes, ao mesmo tempo em que destacam o potencial de potências nucleares entrarem em conflito por terrenos valiosos na Lua ou em Marte.

O livro está repleto de apreensões, o que, por um lado, não é algo tão ruim, pois ter um advogado do diabo nesse e em outros tópicos pode ser benéfico, já que obriga os defensores da colonização espacial a aprimorarem seus argumentos. Os autores também acertam em alguns pontos: não precisamos buscar um planeta substituto porque a catástrofe climática logo destruirá o nosso – e, mesmo que precisássemos, já seria tarde demais. Não, a colonização de outros corpos celestes não eliminará as guerras na Terra nem levará à criação de sociedades utópicas perfeitas.

Mas muitas das preocupações levantadas parecem ter sido incluídas simplesmente porque os autores queriam catalogar todas as possíveis razões para não irmos ao espaço neste momento.

Por exemplo, eles questionam como as operações podem ser realizadas com segurança em condições de microgravidade; se os casais teriam que se amarrar um ao outro durante o sexo em baixa gravidade; como o atendimento psiquiátrico poderia ser oferecido a pessoas com doenças mentais em Marte; se uma estadia permanente em Marte teria um efeito negativo na psique; se os medicamentos para distúrbios mentais seriam afetados negativamente pela radiação espacial; e como os lucros da mineração de asteroides poderiam ser distribuídos “de forma justa.”

Os autores se declaram defensores do chamado “Acordo da Lua de 1979” (Acordo da ONU que regula as atividades dos Estados na Lua e em outros corpos celestes). Esse acordo internacional, que, felizmente, foi assinado por apenas 18 países (não incluindo nenhuma nação com atividades espaciais), declara o sistema solar como uma forma particularmente

coletiva de *res communis*, conhecida no direito internacional como “patrimônio comum da humanidade” (CHM, na sigla em inglês). Os autores explicam o que isso significaria: “Se a Lua estivesse sob um regime de CHM e você quisesse usar a água lunar, teria que compensar toda a humanidade de alguma forma.” Tal abordagem também poderia ser descrita como socialismo espacial. Sob essas condições, que empresa gostaria de financiar missões espaciais ou se envolver na mineração de asteroides? O socialismo nunca funcionou na Terra e não funcionará no espaço também.

Em resposta à afirmação de que “a exploração espacial é um impulso natural”, os Weinersmiths argumentam: “Na verdade, a maioria de nós não somos exploradores famosos. A maioria prefere tirar férias em lugares com doces e ar-condicionado, não no Monte Everest ou na Bacia Amazônica... Se a exploração é um impulso humano natural que precisa ser satisfeito, por que tantos de nós estamos felizes em ficar sentados no sofá...” A isso, eu responderia: o progresso nunca foi alcançado por aqueles que preferem ficar sentados em seus sofás, mas sim por aqueles que se recusam a aceitar uma existência mediana, que se destacam na multidão, que são mais curiosos e, talvez, também mais aventureiros.

Um empreendedor que, antes de abrir um negócio, considerasse minuciosamente cada um dos centenas de potenciais problemas que poderiam ocorrer, como fazem os Weinersmiths ao levantar inúmeras preocupações contra a colonização do espaço, acabaria fazendo exatamente o que os autores recomendam: “O que pensamos é que os assentamentos espaciais provavelmente são, e devem ser, um projeto de séculos, não de décadas... Esperem por grandes avanços na ciência, tecnologia e direito internacional, e só então movam muitos colonos de uma vez.” Eles procrastinariam e atrasariam – e nunca fariam nada. Imagine só: se os Weinersmiths estivessem presentes quando nossos primeiros ancestrais humanos aprenderam a fazer fogo, teriam dito: “Espere! Precisamos aguardar até termos um corpo de bombeiros que funcione perfeitamente e planos precisos sobre o que fazer caso o fogo saia de controle. Você deve esperar até termos todas as eventualidades cobertas.”



Faça uma doação para o Instituto Liberal. Realize um PIX com o valor que desejar. Você poderá copiar a chave PIX ou escanear o QR Code abaixo: